

Ciência Geopolítica e vacinação

China prepara-se para oferecer terceira dose das suas vacinas

Face às dúvidas sobre a sua eficácia, dado que vários países tiveram surtos importantes de covid-19 apesar de usarem vacinas chinesas, Pequim prepara doses de reforço adaptadas às variantes do SARS-CoV-2

Clara Barata

A China já administrou mais de mil milhões de doses das suas três vacinas contra a covid-19 e, segundo a empresa de consultoria Bridge, já distribuiu internacionalmente mais de 405 milhões de doses, para mais de 90 países, a maior parte deles na Ásia e na América Latina. Mas vários países que basearam o seu programa de imunização nestas vacinas têm visto novos surtos e alguns iniciaram já o caminho para aplicar uma terceira dose. Há muita propaganda pró e anti-China neste assunto, mas Pequim prepara já uma próxima geração de vacinas – para oferecer doses de reforço.

“A Mongólia prometeu um ‘Verão livre de covid’. O Bahrein disse que se ‘regressaria à vida normal’. E a pequena nação insular das Seychelles tentou dar um choque vital à sua economia”, escrevia o jornal norte-americano *New York Times*, com o título sugestivo “Confiaram em vacinas chinesas. Agora estão a combater surtos”. São palavras feitas à medida do que faz tinar as redes sociais.

Os casos que cita o jornal de Nova Iorque são exemplares; estes três países, mais o Chile, têm taxas de população completamente vacinada entre os 50 e 68%, esmagadoramente graças a vacinas chinesas e, no entanto, em meados de Junho eram dos que tinham visto mais graves de covid-19.

A sua campanha de imunização baseou-se muito nas vacinas chinesas Sinopharm (que nos ensaios clínicos apresenta uma eficácia de 78%) e CoronaVac (com cerca de 50% de eficácia). A vacina experimental da CanSino, com uma efica-

cácia de 65,7%, tem sido menos usada.

A situação melhorou, entretanto, mas o Bahrein e os Emirados Árabes Unidos começaram a oferecer uma terceira dose. E o Chile, que já está a vacinar menores de 18 anos, pondera dar uma dose de reforço a quem recebeu já duas doses da CoronaVac, ou de outra marca – talvez já a partir de Setembro, diz a imprensa chilena.

A China reconheceu que terá de vacinar mais a sua população porque as suas vacinas não são tão eficazes como se desejava, relata o *Le Monde*: “Devemos aumentar a percentagem de população vacinada de 66% para 80% pelo menos”, disse Shao Yiming, epidemiologista do Centro de Controlo e Prevenção das Doenças da China. Isto são mil milhões de pessoas a mais para vacinar, para tentar chegar à imunidade de grupo a China vai, por isso, mais ou menos a meio do caminho da sua campanha de vacinação.

Morrem menos idosos

No Brasil onde a epidemia assumiu proporções gigantescas e já fez mais de meio milhão de mortes, devido à falta de medidas de saúde pública para conter os contágios – grande parte da população imunizada recebeu a CoronaVac, produzida localmente pelo Instituto Butantan, em São Paulo. E o país está a estudar a hipótese de dar doses de reforço.

“Nos ensaios clínicos de fase 3, a CoronaVac mostrou uma eficácia de apenas 50% e não foram incluídos idosos”, disse ao PÚBLICO o imunologista brasileiro Jorge Kalil, diretor do Laboratório de Imunologia do Instituto do Coração da Universidade de São Paulo (InCor).

“Mas esta vacina sempre ajuda a proteger contra a doença grave e morte. O que temos notado até agora

é que os idosos estão morrendo menos”, explicou.

Um estudo brasileiro publicado esta semana na revista *The Lancet Microbe* aponta uma explicação para a CoronaVac, a vacina mais usada no Brasil, não estar a dar tão bons resultados como seria de esperar: a variante P1 (agora chamada Gamma), identificada em Manaus, em Janeiro de 2021, consegue evadir-se de forma bastante eficaz aos anticorpos neutralizantes da CoronaVac e também do plasma de quem tinha estado infectado anteriormente com outra versão do coronavírus.

Para as pessoas que tinham apenas uma dose da vacina então, o efeito era praticamente indetectável, escreve na *Lancet Microbe* a equipa de José Luiz Proença-Módena, do Laboratório de Vírus Emergentes da Universidade de Campinas.

A variante P1 mostrava-se, no entanto, sensível a quem tinha tomado a segunda dose da vacina há pouco tempo (17 a 38 dias antes), mas menos nas pessoas que tinham tomado as duas doses há mais tempo (134 a 260 dias antes).

A revista *The Lancet* publica ainda os resultados de uma análise intermédia de um ensaio clínico de fase 3 realizado na Turquia, que já tinham sido divulgados. Estes são os que

avancam a maior taxa de eficácia para a CoronaVac – 83,5%. Mas os próprios autores do estudo reconhecem algumas limitações. Foram incluídas apenas pessoas jovens (até aos 59 anos), relativamente saudáveis, não foram pesquisadas variantes em circulação e os participantes foram seguidos durante pouco tempo, porque a vacina teve autorização para ser usada e considerou-se que não seria ético manter o grupo de controlo a tomar um placebo, uma substância sem actividade medicinal, para comparar com o grupo de pessoas vacinadas.

A vacina da Sinopharm e a da CoronaVac usam um vírus inativado para desencadear uma reacção do sistema imunitário. “E a gente sabe que vacinas de vírus inactivados são pouco imunogénicas em idosos”, sublinha Jorge Kalil, professor de Imunologia Clínica e Alergia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. “As vacinas de vírus inactivados [contra a covid-19] só foram feitas na China e na Índia. Todos os países ocidentais usaram plataformas mais modernas, como vacinas baseadas em vector viral não replicativo, vacinas de ARN ou vacinas de proteína com adjuvante”, explica.

Certificação internacional

Acresce que foram poucos os resultados de ensaios clínicos das vacinas chinesas publicados em revistas com avaliação pelos pares – tem havido estudos não muito grandes, que apresentam resultados por vezes contraditórios entre si, e apresentados no formato de pré-publicação, sem terem sido submetidos a avaliação, sublinha Miguel Castanho, do Instituto de Medicina Molecular da Universidade de Lisboa, cujo laboratório trabalha no desenvolvimento de novos fármacos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) frisou isso mes-



mo, ao dar a aprovação do uso de emergência das vacinas chinesas, em Maio deste ano.

“Creio que nunca sequer chegou a ser pedida a introdução destas vacinas no mercado dos países reconhecidos como tendo as entidades reguladoras mais fortes”, diz Miguel Castanho. A Agência Europeia do Medicamento disse ao PÚBLICO que existe um processo de avaliação contínua do seu desenvolvimento – o que ajuda os fabricantes a seguir os padrões pretendidos pela autoridade reguladora –, mas esta é uma fase anterior ao pedido de introdução no mercado. No entanto, apesar de não serem reconhecidas, a Hungria, país da União Europeia, usa vacinas chinesas, tal como a Sérvia, país da vizinhança da UE. Só que um húngaro ou um sérvio – ou um brasileiro – inoculados com uma vacina chinesa são considerados não vacinados, se quiserem viajar para a Europa.

A OMS diz que o certificado digital europeu discrimina os países que não têm vacinas, e na semana passada fez um apelo a que “todas as autoridades

50%

foi a taxa de eficácia aceite para a vacina chinesa CoronaVac, a mais usada no Brasil e na América Latina. Mas a variante Gamma deve ter conseguido reduzi-la



que imunizar todo o mundo, antes de pensar na terceira dose. Eu digo que não necessariamente", afirma Jorge Kalil. "Temos de calcular riscos. Podemos calcular o risco que as pessoas mais velhas estão correndo por ter tido só duas doses de CoronaVac e comparar com a faixa etária que seria vacinada – abaixo de 40 anos, abaixo de 30 anos, abaixo de 20 anos. E aí conseguiríamos encaixá-la no momento devido", explica.

"Nesta campanha de vacinação temos sempre de usar a inteligência. A primeira coisa que temos de fazer é evitar mortes, então temos de pegar na população que está em maior risco naquele momento. É possível que a população de idosos esteja em maior risco que a população mais jovem que está a ser vacinada", conclui.

Adaptada à Gamma

A Sinovac, a empresa chinesa que fabrica a CoronaVac, já começou a preparar uma nova versão da vacina atualizada para a variante Gamma. Dimas Covas, director do Instituto Butantan, que fabrica a CoronaVac localmente para o mercado brasileiro, disse à revista *Piauí* que já pediu autorização à Anvisa, a agência reguladora brasileira, para realizar ensaios clínicos com esta vacina atualizada no Brasil.

Estudos preliminares mostram que esta nova versão da vacina "responde melhor a todas as variantes, porque a Gamma incorpora as principais mutações observadas noutras variantes, e isso explica a sua gravidade", disse Dimas Covas à *Piauí*.

O jornal *Global Times*, tablóide que funciona como porta-voz do Partido Comunista chinês, cita Yin Weidong, administrador da empresa que produz a CoronaVac, dizendo que uma terceira dose desta vacina atualizada aumenta em dez vezes a produção de anticorpos contra o novo coronavírus.

Mas se se confirmar que a CoronaVac tem uma protecção muito baixa, pelo menos em alguns grupos da população, o melhor é começar de novo, diz Miguel Castanho. "Se se tiver a certeza de que só produz uma protecção residual, aí quase diria que o melhor então era reiniciar o processo de vacinação. Mas teríamos de saber afinal de que eficácia é que estamos a falar. Estamos a falar de 50% ou estamos a falar de 20%? Se estivermos a falar de 20%, mais vale reconfigurar a vacinação."

Apesar de tudo, as vacinas chinesas têm desempenhado o seu papel. "Nos estudos, a CoronaVac evitava os casos de doença grave em 78% e um pouco mais a morte por doença. Não é 100%, como se dizia, porque os números dos estudos são muito pequenos, mas sim, evita a quantidade de mortes, isso é comprovado em estudos que continuam a ser publicados", acautela Jorge Kalil.

regionais, nacionais e locais reconheçam como plenamente vacinadas todas as pessoas que tomaram vacinas da covid-19 consideradas seguras e eficazes pela OMS".

Mas Miguel Castanho diz compreender o ponto de vista europeu. "Eu compreendo a posição das autoridades europeias em não querer reconhecer do ponto de vista da certificação uma vacina, se não têm absoluta confiança na sua eficácia", diz o cientista português.

"Mas pragmaticamente, se as pessoas estão inoculadas com uma vacina que não é eficaz, ou é muito pouco eficaz, é quase como se não contassem para a imunidade. Isto admitindo que não existe efectivamente base para certificar a eficácia destas vacinas", considera Miguel Castanho. "Mas os dados de que se dispõe em alguns países, embora não se controlem as variáveis todas, são no sentido de que é legítimo ter dúvidas."

"Aqui no Brasil a maior parte dos cientistas está incentivando bastante a utilização da CoronaVac porque precisamos de vacinar rapidamente

As vacinas chinesas estão a ser aplicadas em mais de 90 países, principalmente na Ásia e na América Latina



Sou partidário de que os grupos mais susceptíveis recebam outra dose. Que pode ser a CoronaVac ou outra vacina

Jorge Kalil
Imunologista brasileiro

a população", diz Jorge Kalil, confrontado com uma pergunta sobre a politização das vacinas chinesas. "Em outros países, nos Estados Unidos, existe sempre essa resistência muito grande ao que é chinês e é russo. Há críticas, sim, e acho que tem fundamento pensar que é uma vacina que não tem uma *performance* tão boa como as outras vacinas", comenta Jorge Kalil.

Terceira dose

"Mas por outro lado, como ela está disponível e nós temos aí uma população enorme, de mais de 200 milhões de pessoas, precisamos de vacinar com a vacina que vier, mesmo que depois tenhamos de dar uma terceira dose para alguns grupos", afirma o cientista brasileiro. "Sou partidário de que os grupos mais susceptíveis recebam outra dose de vacina. Que pode ser a CoronaVac ou pode ser outra vacina."

No Brasil, a CoronaVac é a vacina mais disponível e por isso, foi usada para vacinar a população mais vulnerável. "Foram vacinadas justamente

as pessoas idosas, que eram prioritárias e os funcionários da área de saúde. Isso aconteceu em boa parte da América Latina", diz Jorge Kalil. Só que um estudo brasileiro sobre a eficácia das vacinas na vida real, feito na Amazônia, quando estava a decorrer um novo surto, já depois de estar em curso a campanha de vacinação, diz que para os maiores de 70 anos, 80 anos, esta vacina tem apenas cerca de 28% de eficácia.

"Exactamente. O que devemos considerar é que quando foi feito este cálculo circulava menos a variante inicial de Wuhan. Estava circulando uma variante brasileira, na época chamava-se P1, agora chama-se Gamma, que é mais infecciosa e a imunidade que foi desencadeada pela vacina contra a estirpe de Wuhan mostrou-se menos eficaz", considera o imunologista brasileiro.

Por isso, o cientista, que integra o Conselho Técnico Assessor de Imunizações do Ministério da Saúde brasileiro, considera que faz sentido pensar numa terceira dose. "Os meus colegas dizem que primeiro temos